

## ENTREVISTA COM O PROF<sup>o</sup>. DURVAL MUNIZ

Por Cristiano Antônio dos Reis,  
Débora Cristina dos Santos Ferreira  
e Renata Costa<sup>1</sup>

Na tarde de 17 de abril de 2017, o Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior concedeu esta entrevista ao Corpo Editorial da Revista *Outras Fronteiras*, explorando a temática que compõe o dossiê “Corpo, gênero e sexualidade”. Professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professor permanente do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco graduou-se na Universidade Estadual da Paraíba e realizou o mestrado e doutorado na Universidade Estadual de Campinas. Com vasta produção historiográfica, publicou inúmeros artigos e livros, entre eles lançou em 2003 “Nordestino: Uma invenção do falo: uma história do gênero masculino - Nordeste (1920/1940)” (Catavento), e em 2007 “História: a arte de inventar o passado - Ensaios de teoria da história” (EDUSC). Suas pesquisas têm como principais temáticas: gênero, masculinidades, história das sensibilidades e nordeste. Nesta entrevista, o professor nos presenteou com uma análise não só das temáticas de nosso dossiê, mas tocou em importantes questões da metodologia da pesquisa histórica, e ainda, versou sobre debates contemporâneos. Agradecemos a disponibilidade e generosidade em nos conceder esta entrevista.

**Revista:** O corpo editorial da Revista *Outras Fronteiras* conversa com o Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior sobre a temática “Corpo, gênero e sexualidade”. Temática esta muito atual e muito importante, no entanto, pouco explorada na nossa historiografia, haja vista que boa parte dos estudos que versam sobre a sexualidade, sobre o corpo e sobre as questões de gênero têm se pautado muito por alguns estudos da antropologia. A História em si, tem se mantido um pouco afastada destes debates. E como conhecemos um pouco da trajetória do prof. Druval, do engajamento nos estudos relacionados ao corpo, a uma história da sensibilidade, às questões voltadas para a masculinidade, consideramos os seus estudos muito pertinentes para o propósito do nosso Dossiê que visa incentivar e fomentar este tipo de pesquisa entre os nossos grupos, entre os nossos colegas. Nesse sentido, preparamos nossa entrevista.

**Revista:** Em 2003, o senhor publicou o livro “Nordestino: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino”. Como se deu o interesse por essa temática?

---

<sup>1</sup> Débora Cristina dos Santos Ferreira é bolsista CAPES; Renata Costa é bolsista FAPEMAT.

**Durval Muniz:** Essa temática emerge da própria pesquisa que eu fiz para o meu doutorado. Quando eu pesquisei a invenção do Nordeste, lendo toda a documentação sobre o process que vai dando origem à ideia da região: tanto os textos jornalísticos, sociológicos, literários, quanto teatrais, historiográficos, memorialísticos, fui percebendo essa presença bastante grande da figura masculina. Fui percebendo essa presença da masculinidade como um elemento definidor do que seria a própria identidade regional, quer dizer. Em vários textos vai se desenhando uma espécie de corpo, de corporeidade do que seria o tipo regional nordestino. Na pesquisa de doutorado não dava para tratar disso, porque o foco era outro. Mas eu guardei essa documentação, esses textos, essas sugestões para um outro momento e aí foi que surgiu essa pesquisa, que é uma pesquisa já financiada pelo CNPQ, uma pesquisa financiada por uma Bolsa de Produtividade em Pesquisa. Ela durou uns cinco anos. Nela eu trabalhei com essa documentação, que vai inventando aquilo que eu chamo de a figura do “cabra macho”. Um estereótipo que é muito presente na literatura nordestina de forma geral, na produção cultural do Nordeste. Toda a estereotípiia em torno do homem da região é muito centrada nessa figura, nesse personagem: o “cabra macho”. Eu faço uma história do surgimento desse personagem, o que ele significa historicamente, que tipo de discursos, que tipo de imagens, que tipo de arquivo ele mobiliza, na sua construção. Porque, na verdade, essa figura é construída por um arquivo de imagens pré-existentes, como a figura do coronel, a figura do jagunço, a figura do cangaceiro. Há uma série de figuras que vão sendo amalgamadas nesse personagem que seria o “cabra macho” nordestino.

**Revista:** Nos últimos anos, muitos trabalhos vêm sendo publicados sobre estudos de gênero. Entretanto, poucos têm abordado a problemática da masculinidade. Como o senhor percebe o debate acadêmico sobre a masculinidade?

**Durval Muniz:** Eu acho que os estudos de gênero foram, obviamente, introduzidos na academia pelas mulheres. Eles foram introduzidos pelas pesquisadoras, preocupadas com o feminino, com o feminismo. A maioria delas estavam ligadas ao feminismo. Em certo momento havia, inclusive, uma certa rejeição a se estudar o masculino, ou seja, prevalecia a ideia de que, na verdade, o masculino já era suficientemente estudado, porque o masculino era dominante, com tudo era do domínio masculino, todo discurso, em grande medida, tratava do masculino. A própria linguagem é centrada no masculino, e, portanto, não haveria nada para se estudar quanto

ao masculino, porque o masculino seria meio que óbvio. O masculino seria meio que de conhecimento geral. A produção em torno da masculinidade vai começar muito a partir da iniciativa de intelectuais homossexuais, já que a homossexualidade coloca em questão os próprios padrões de masculinidade hegemônicos. Os homossexuais se deparam, cotidianamente, com o caráter performático do ser masculino, com o fato de que a masculinidade é produto de uma fabricação, de uma construção. Porque lidam com isso cotidianamente, os homossexuais sabem que as identidades de gênero são construídas. Uma identidade homossexual é uma identidade claramente construída, e que tem que lidar, muitas vezes, com um masculino, que também emerge, claramente, como encenação. Quem é homossexual vive situações em que aquele personagem que se apresenta como masculino se dissolve quando entra debaixo das cobertas ou quando se fecha a porta. Ele vivencia como uma determinada masculinidade, como uma determinada máscara masculina cai por terra às vezes num simples gesto. Então, para os homossexuais é muito clara essa percepção de que o masculino é tão construído quanto o feminino. Que o masculino passa por processos de produção, desde produção do corpo até a produção da subjetividade. Desde a produção de um gesto até a produção de um vocabulário, pela produção de performances, morais, gestuais que vão sendo aprendidos no processo de socialização. Então, de uma forma geral, os estudos sobre o masculino ficaram muito próximos dos estudos sobre as homossexualidades. É muito pouca ainda a quantidade de estudos dedicados exclusivamente ao masculino, a pensar a diversidade do masculino, porque há uma certa ideia de que o masculino é unitário, é homogêneo, que o masculino se expressa apenas de uma forma, de um modo, quando, na verdade, há uma diversidade de masculinidades, como há uma diversidade de feminilidades. Nós operamos na sociedade com um ideal de masculinidade que guarda uma distância muito grande em relação às vivências concretas da masculinidade. Uma coisa é o ideal de masculinidade, outra coisa é a masculinidade que os homens podem viver, vivenciar. Porque elas são tão contextuais quanto as feminilidades, quer dizer, o homem pode viver a masculinidade que a sua condição de classe lhe permite, que a sua condição étnica lhe permite, que a sua condição profissional lhe permite, que a sua condição de tempo, de espaço lhe permite, que a sua condição etária lhe permite, etc. A masculinidade de um velho de setenta anos não é a mesma masculinidade de um jovem de dezoito ou de uma pessoa madura de trinta anos. Então, existe claro, um modelo de masculinidade, um ideal de masculinidade, que circula socialmente, que mesmo assim pode ser diverso. Mas muito mais diversa é essa masculinidade colocada em prática, é

essa masculinidade vivenciada. Acho que os estudos sobre as masculinidades ainda estão longe de dar conta dessa diversidade do masculino, dessa diversidade não só discursiva, de modelos, mas principalmente de vivências e de práticas do masculino.

**Revista:** Tem a questão regional também, não é? De cada região?

**Durval Muniz:** Que é o objeto de meus estudos. As masculinidades também simbolizam determinados espaços. Elas estão ligadas a determinados espaços. Há espaços vistos e ditos como masculinos e há espaços vistos e ditos como femininos. A dicotomia casa e rua, por exemplo. Mas ela pode se expressar através da ligação simbólica com dados espaços. No Brasil, existe a ideia de que o Rio Grande do Sul e o Nordeste são as duas áreas onde a masculinidade é mais exacerbada, onde a virilidade se faz mais presente. A ideia de que nesses espaços existe uma masculinidade muito mais potente do que, por exemplo, a masculinidade paulista. Na verdade, nos discursos regionalistas nordestinos, a *paulistanidade*<sup>2</sup> aparece como um *déficit* de masculinidade. Quer dizer, justamente porque a urbanidade, a modernidade, aparecem como produtoras de um *déficit* de masculinidade. A cidade, o moderno, feminizaria os homens. A vida rural, a vida rústica, a vida sertaneja, a vida agrária, que seriam características daqueles espaços, levaria a presença aí de uma autêntica masculinidade. A vida tradicional seria aquela que masculiniza, que produz machos de verdade. Um capítulo do meu livro se chama justamente “A feminização da sociedade”, a feminização como sendo um perigo para a sociedade, que aparece em toda a documentação do começo do século XX. Há um medo de que o mundo esteja se feminilizando, justamente o mundo moderno, o mundo da cidade, trazendo a feminilização das pessoas, das coisas, do mundo. O feminino estaria saindo do seu lugar. Ele uma espécie de mancha que está se espalhando pela sociedade inteira e colocando em perigo a virilidade, a masculinidade, cada vez mais arrinconada em determinados espaços, em determinados lugares, em determinadas sociabilidades.

**Revista:** Parece que tem a ver com o recalque, não é professor? Parece que onde está mais recalcada, está mais masculino. Que a modernidade dá essa ideia de sair do viés da repressão, e poder vir o feminino a partir disso. Mas, enfim. A atualidade das questões referentes ao corpo, à sexualidade e ao gênero nos remete aos debates que foram travados, sobretudo a partir das reflexões de Michel Foucault e de sua acolhida

---

<sup>2</sup> Obs. Neologismo que expressa uma característica própria dos paulistas, termo equivalente ao que aqui se denomina cuiabania.

por historiadores como Georges Vigarello, Alain Corbin e Jean Jacques Courtine. Em que perspectiva o senhor estuda ‘o corpo’?

**Durval Muniz:** Foucault vai dizer em um dos seus textos que foi publicado no livro ‘Microfísica do poder’ que o corpo é justamente a matéria-prima da história. No entanto, o que sempre me causou espécie é que os historiadores conseguem escrever a história sem levar em conta os corpos. Os personagens da historiografia não têm corpo, os personagens da historiografia são todos decapitados, eles só têm cabeça, eles só têm projetos, intenções, racionalizações, objetivos, eles só pensam, eles só discursam, eles não têm desejo, eles não têm libido, eles não têm paixão, eles não sentem dores. Os historiadores conseguem escrever sobre uma guerra e sair com o avental limpo, sem um pingo de sangue. Escrevem sobre as causas, as consequências, as motivações econômicas, políticas, ou seja, faz toda uma racionalização da guerra e não fala da dor, não aparece nunca um corpo desventrado, um corpo mutilado, um corpo ferido, um corpo sangrando, um corpo enlouquecido. Nós vemos hoje tanta gente pedindo a volta da ditadura militar talvez porque os nossos autores que escreveram sobre 64 nunca foram capazes de tornar material, visível, o que é um corpo torturado. As pessoas falam em tortura e tortura é um conceito, um conceito abstrato. Você não consegue visualizá-la através da narrativa histórica. Não se consegue, minimamente, sentir o que é ter o corpo torturado. Agente assiste a um filme, a gente assiste a um documentário, a gente assiste a uma peça teatral, e saímos com uma ideia do que é um corpo ser torturado e isso causa um enorme impacto na gente. Sempre me admirei do impacto causado pela história de um simples personagem durante a Segunda Guerra Mundial, você vê o drama de uma pessoa e você sai completamente impactado, emocionado. No entanto, você lê nos livros de história, meio *en passant*, em uma página, que morreram 30 milhões de pessoas nesse conflito, e, no entanto, aquilo não faz nenhum efeito sobre nossa sensibilidade ou consciência. Agente se emociona profundamente com a perda de uma vida no cinema, mas não nos emocionamos com a morte de milhões nas páginas da história, pois nela a morte é mero detalhe estatístico. Essa ausência do corpo sempre me chamou a atenção e quando li isso em Foucault, quando li que o corpo é a matéria-prima da história, é onde a história se inscreve, que o corpo é marcado pela história, que o corpo é um documento, que o corpo é um arquivo, pensei que temos que mudar nossa forma de narrar a história. Nós falamos tanto de arquivo, mas arquivo para os historiadores para ser é algo imaterial ou material, mas inanimado, que não tem vida! O

arquivo é algo vivo, a gente nunca pensa as marcas no nosso próprio corpo como sendo um arquivo. Assim como as marcas nos corpos dos outros, as cicatrizes, as escarefações, as rugas são marcas de um arquivo, elas são marcas do tempo no corpo. O que o historiador pesquisa? As marcas deixadas pelo tempo, as marcas temporais. O corpo é marcado pelo seu tempo, o corpo é produzido pelo seu tempo. A forma como o corpo se coloca de pé, como ele anda, como ele gesticula, como ele fala tem a ver com a sua cultura, tem a ver com sua sociedade, tem a ver com seu tempo. Tem a ver com a sua classe social, tem a ver com uma série de condições, com o seu gênero. Então Foucault foi fundamental para mim, assim como os autores que fizeram a história do corpo, embora eu ache que esses autores ainda fazem uma história mais literária do corpo, uma história dos textos que falaram sobre os corpos. Trataram dos escritos literários sobre o corpo, dos escritos médicos sobre o corpo, mas, ainda falta, me parece, uma história das dores, tal como reivindica Arlette Farge. A gente ainda não fez, suficientemente, uma história da dor, dos sofrimentos, dos suplícios corporais, que foram muitos e cruéis ao longo da história. Ainda não fizemos uma história das feridas, das cicatrizes. Uma pessoa como a presidenta Dilma Rousseff, por exemplo, está marcada eternamente no corpo por aquilo que ela passou. Aquela dentição que ela apresenta é consequência da fratura de seu maxilar que foi destruído numa sessão de tortura. Os seus dentes foram quebrados numa sessão de tortura. A maioria das pessoas não fazem ideia do que é isso. Do quanto deve ser doloroso para ela todas aquelas falas despectivas em relação ao seu corpo. Isso, porque ela é uma mulher cuja história está marcada em seu corpo. A história brasileira, a história da sociedade brasileira marcou o seu corpo e a sociedade brasileira é uma sociedade, é uma história, marcada pela extrema violência em relação aos corpos, a sociedade brasileira é produto de um verdadeiro massacre corporal! A começar porque é uma história marcada por quatrocentos anos de escravidão, quatrocentos anos de corpos sendo mutilados, ferrados, marcados, chicoteados, levados a morte pela tortura, pela sevícia, pelos maus tratos. Quatrocentos anos de tortura marcam profundamente uma sociedade! Esse fato nos faz entender a própria legitimidade social da tortura em nosso país, nos leva a entender, mas não desculpar, o fato de um deputado federal, em pleno plenário da Câmara dos Deputados, ter homenageado um torturador e isso não ter se tornado um grande escândalo nacional e ele permanecer impune. Nós espancamos crianças, nós educamos crianças as espancando, porque até bem pouco tempo, na sociedade brasileira, se podia espancar alguém, um menino até a morte, em praça pública, no

terreiro da casa-grande, no terreiro da fazenda. A violência corporal é intrínseca a história brasileira. Eu vivo em um estado, o Rio Grande do Norte, em que só nesses quatro primeiros meses do ano já se matou mais de seiscentas pessoas, mais de seiscentas pessoas foram mortas. O episódio da rebelião no presídio de Alcaçuz, em que vinte e uma pessoas foram degoladas, em que vinte um presos tiveram as suas cabeças cortadas, tiveram membros decepados, por outros presos, explicita como somos uma sociedade onde a violência alcança extremos, onde os corpos são submetidos a atos de extremada violência. Quando vemos muitos colegas desprestigiarem um dos poucos autores brasileiros que conseguiu trazer o corpo para o centro da narrativa histórica, isso deixa explícita essa inapetência para tratar das corporeidades. Em Gilberto Freyre a história aparece mediada pelo corpo, pelas sensações, pela atuação dos cinco sentidos. Freyre é um autor que faz uma história que tem cheiro, tem sabor, tem tato, tem paladar. No entanto, ele foi, durante muito tempo, considerado um autor que não se deveria ler porque fazia uma história conservadora. No entanto, em seus textos podemos encontrar referências às violências feitas aos corpos, embora ele sempre trate como se fosse uma exceção, mas ele vai falar das torturas que eram infringidas aos corpos dos escravos. Fala que as senhoras mutilavam as escravas por ciúme. Se essa é a história da sociedade brasileira me causa espécie o corpo não se fazer presente nos relatos de nossos historiadores. Ainda mais em um dos poucos países em que as metanarrativas da nacionalidade, em que a narrativa da identidade nacional remete ao corpo, à medida que se assenta na ideia de mestiçagem. O brasileiro é definido como um ser sensual, como um ser mestiço, como um ser erótico, por excelência. Nós somos um dos principais destinos do turismo sexual no mundo, porque nós temos essa imagem de sermos seres eróticos, sensuais, sexualizados em excesso. Como a nossa historiografia não tomar o corpo como um tema de grande relevância.

**Revista:** Na ocasião da aula magna proferida em dezembro de 2016 na UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), o senhor chamava a atenção para a ausência do corpo na produção historiográfica. Quais os desdobramentos dessa ausência na historiografia? Como o senhor situa os estudos desenvolvidos nessa temática? Tem alguma coisa que o senhor quer acrescentar?

**Durval Muniz:** Eu estou escrevendo um texto nesse exato momento, onde discuto, justamente, a ausência do corpo na pesquisa historiográfica. No momento mesmo da pesquisa. Nós silenciemos todas as reações do nosso corpo no momento em

que a gente está fazendo pesquisa, no momento em a gente está no arquivo. Todas aquelas emoções que a gente teve, todas as afecções, todas as alegrias, todos os afetos que surgem no arquivo, a gente simplesmente não faz constar da introdução da nossa tese, do nosso trabalho, do nosso livro. Ficamos discutindo racionalmente metodologia, ficamos discutindo os conceitos, os procedimentos e varremos para debaixo do tapete todas as dimensões afetivas, sensoriais, emocionais da pesquisa histórica. Não é possível que alguém não tenha sentido alegria ao encontrar aquele documento que procurava. Ter nas mãos a carta de Manuel Bandeira, saber que ele tocou aquele papel, que ele escreveu naquele papel, que aquela letra é dele, como você não se emocionar? Quando eu tive nas mãos o caderno que Graciliano escreveu o original de “Vidas Secas”, para mim foi uma emoção indescritível. Ter nas mãos um caderninho, um caderno escolar em que Graciliano escreveu “Vidas Secas”, verificar todos os trechos que ele riscou, que ele rasurou do livro! O livro era muito maior, ele riscou muito mais partes do que ele deixou. Ele praticamente escreveu o dobro do livro e depois riscou, riscou, riscou, enxugou as frases, diminuiu as frases, quer dizer, ali você entra em contato com o procedimento de produção de uma obra que é clássica na literatura brasileira, quer dizer. As lágrimas vinham, e eu com vergonha tentando evitar que a bibliotecária e outros pesquisadores vissem que eu estava chorando, além do medo de molhar de lágrima aquele caderno. É evidente que as pessoas sentem emoções como essa, quando fazem uma pesquisa. Quem trabalha com o método da história oral, encontrar aquela pessoa, as emoções que compartilha com aquela pessoa, naquela fala, a pessoa chora, se derrama em lágrimas à sua frente, se emociona, fica trêmulo e várias dessas coisas são retiradas no momento da transcrição da entrevista. A transcrição transcreve a fala sem tudo isso, sem toda essa dimensão afetiva, emocional que faz parte da própria pesquisa, da própria entrevista. A simpatia e a antipatia por uma personagem vai influenciar o tipo de abordagem que você faz. E simpatia e antipatia remete a *phatos*, a paixão, é da ordem dos sentimentos. Você se identifica com determinado personagem ou não, você pode pesquisar alguém com quem você não tem a mínima identidade, e o resultado será diferente se você pesquisa alguém com quem você tem identidade. A maior parte das nossas escolhas de objeto são iguais as escolhas de objetos sexuais, não são escolhas racionais simplesmente. A gente escolhe o objeto por dimensões afetivas, emocionais, afinidades ideológicas, afinidades políticas. Escolhemos os nossos objetos por uma série de outras coisas, e quase sempre isso é silenciado no momento em que você vai descrever a escolha do objeto no início do

trabalho. É como se o pesquisador fosse só cabeça, fosse só inteligência, razão, o pesquisador não tem corpo, ele não está de corpo inteiro na sua pesquisa, ele não está de corpo inteiro no seu texto. O que não é verdade. Estamos no corpo, estamos de corpo inteiro na pesquisa. Sentimos dores no corpo dependendo do tipo de objeto pesquisamos. Alguns objetos causam problemas físicos e emocionais. Eu suponho que pesquisar, por exemplo, os porões da ditadura, os arquivos da ditadura, faz a pessoa terminar o dia com dor de cabeça ou com dor na coluna, com dor na nuca de tensão de ler aquelas coisas. Sabemos que a escrita da tese causa problemas gástricos, que escrever produz uma série de problemas, inclusive físicos, porque a gente escreve com o corpo, a gente não escreve apenas, com a inteligência. Certeau dizia que a escritura joga para a margem do texto o corpo, fingimos que o corpo não está ali, mas o corpo sofre para escrever, é dele que surge a escrita. Nietzsche vai dizer que se pensa com o corpo, que se pensa com o corpo inteiro, não pensamos apenas com uma cabeça deslocada do restante do corpo.

**Revista:** Quais os teóricos e áreas da história em que o conceito de sexualidade se insere?

**Durval:** Sexualidade?

**Revista:** Isso, sexualidade.

**Durval:** Michel Foucault é evidentemente o primeiro autor, surpreendentemente, a fazer uma história da sexualidade. Uma das coisas que sempre me fascinou em Foucault foi essa capacidade de historicizar aquilo que os historiadores nunca acharam que tinha história. Os historiadores estão aí há muito tempo e nunca tinham imaginado que a sexualidade era histórica, e, mais ainda, é muito recente. A noção de sexualidade vai emergir no século XIX. Antes não havia sexualidade, o que não significa que não se fazia sexo. Faz-se sexo desde sempre, mas só que o sexo é uma prática humana acompanhada, como toda prática humana, de códigos, de regras culturais, sociais. Então, a sexualidade é uma forma particular e historicamente situada de regramento do sexo. A sexualidade é aquilo que ele chama de um dispositivo, ou seja, um conjunto de regras, códigos, leis, instituições, conceitos, saberes que vão se desenvolverem entorno do sexo e que vão, ao mesmo tempo, moldá-lo, instituí-lo, controlá-lo, regê-lo, valorizá-lo, significá-lo. O grego antigo dava ao sexo um sentido completamente diferente daquele que nós damos. Foucault vai mostrar na *História da Sexualidade*, que nenhuma sociedade anterior tinha dado a centralidade que a

modernidade dá ao sexo. A sociedade burguesa é a primeira sociedade que coloca a prática sexual no centro da identidade humana. Isso nunca tinha acontecido. Para um grego antigo era muito mais importante saber, qual era o lugar que ocupava na cidade, a identidade era dada pela atuação política. Ser um homem livre, ser um cidadão ou ser um escravo, ser um homem ou uma mulher, ser um grego ou um estrangeiro era mais importante do que com quem você fazia sexo. É claro que, como toda sociedade, os gregos tinham regras que insidiam sobre as práticas sexuais, não se fazia sexo com qualquer um não, mas as regras que regiam as práticas sexuais eram da ordem da dieta, era a mesma coisa que as regras do comer e do beber, o fundamental aí era ser temperante, era não usar os prazeres abusivamente, essa era a única questão. Era uma questão de harmonia, porque o grego buscava a harmonia, então era uma questão de bom gosto, de harmonia, de não praticar a *ubris*, o excesso em nada. Mas se você gostava de meninos, de meninas, ou dos dois, não fazia a menor diferença. Gostar de menino, de menina ou dos dois, não instituíam nenhuma identidade, como a sociedade da sexualidade vai instituir. No dispositivo da sexualidade para cada prática sexual vai ser criada uma identidade, uma identidade médica, uma identidade jurídica, ou seja, que pretensamente vai ser uma coisa nascida do próprio corpo, uma identidade que é natural. A transexualidade, a homossexualidade, a bissexualidade, vão ser pensadas como identidades sexuais e médicas. Tanto é que a sigla vai só aumentando daqui a pouco não vai ter mais letras, para a diversidade de lugares sexuais que vão sendo inventados, e cada lugar desse pretensamente distribui uma identidade, é um ser. Então você é homossexual, você é heterossexual, por exemplo, que é uma coisa completamente diferente de você ser sodomita. A sodomia era um pecado. Sodomia era uma prática pecaminosa contra a natureza, a sodomia não dava origem a nenhum ser, não existia um sodomita, existia alguém que praticava a sodomia e cometia o pecado de Sodoma. Como não existe ninguém, propriamente que seja definido pela gula, ele pratica a gula em determinado momento e ele pratica esse pecado que é gula, o mesmo ocorria com a sodomia, ela não dava origem a um personagem a parte. Qualquer um se tornava sodomita ao usar sexualmente o vaso traseiro, seu ou de outrem. Não importava se você usava o vaso traseiro masculino ou feminino. Você era sodomita de qualquer forma, quer dizer, a questão era o de ser um pecado contra a natureza, você estava enfiando o membro desonesto no vaso errado, no vaso antinatural. Você estava gastando a semente num vaso não procriativo, então era completamente diferente da homossexualidade. A sexualidade é um conceito, em grande medida, médico e jurídico,

como Foucault vai mostrar. É claro que muita gente lida com a sexualidade, com o conceito de sexualidade, não só naturalizando esse conceito, mas tornando esse conceito ahistórico. O que você encontra de gente falando em sexualidade na Antiguidade, o que você encontra de gente falando de sexualidade no período colonial, se fala em gay no período colonial, uma coisa absolutamente fora de propósito. Isso também se deve a uma das grandes debilidades da historiografia que é não prestar atenção na historicidade dos conceitos. Os historiadores, durante muito tempo, estiveram atentos aos eventos, aos fatos, aos personagens e não prestaram atenção na sua documentação, nos próprios conceitos que estão na sua documentação. Foi preciso que um filósofo como Foucault, que era alguém que estava atento aos conceitos, chamasse atenção para a importância de historicizá-los. Foi preciso um Koselleck para introduzir uma área de pesquisa de história dos conceitos, foi preciso um padre, um jesuíta, alguém que passou pela psicanálise, pela antropologia, para prestar atenção que os historiadores usam conceitos e que os conceitos têm história, os conceitos são históricos. E o conceito não é uma coisa apenas de teoria da história, o conceito não é só uma invenção do filósofo, o conceito é vivido pelas pessoas. O conceito organiza a cultura, o conceito organiza a vida social. Nós vivemos conceitos todos os dias, aquela ideia de que o conceito não vai a rua faz muito tempo que foi superado. O conceito vai à rua sim, e quanto menos a gente pensa sobre os conceitos, pior é a forma como as pessoas vão a rua, elas vão a rua a partir de conceitos do senso comum, não sabem que são conceitos, com os quais estão operando. A gente acha que conceito é uma palavra difícil que está no livro, que só tem vida no livro, não, o conceito está na vida. Alto e baixo, frente e trás, escuro e claro são conceitos que organizam a nossa vida, que estruturam a nossa cultura, que estabelecem, inclusive, hierarquias. Há uma hierarquia de valor entre o branco e o preto, há uma hierarquia de valor entre o esquerdo e o direito, há uma hierarquia de valor entre o alto e o baixo na sociedade, eles distribuem os lugares, eles estabelecem hierarquias, significam coisas diferentemente. Então quando o historiador toma o documento, ele vai encontrar essas palavras, e elas não são meras palavras, elas são conceitos que organizam a vida daquela sociedade. Essa falta de historicização dos conceitos faz com que os historiadores que vivem assombrados pelo anacronismo sejam aqueles que mais cometem anacronismos, porque projetam conceitos de uma época para outra, sem nenhuma percepção de que esses conceitos são absolutamente inadequados. Basta ler a documentação que você vai entrar em contato, com outro tipo de conceito que está lá na documentação, que são os conceitos daquela época e que organizou a vida das pessoas

naquele momento. Você vai falar em economia na Antiguidade, economia na Antiguidade é uma coisa completamente diferente do que é economia no mundo moderno. Economia no mundo antigo era o governo da casa, era o que estava ligado ao *oikos*, a economia era coisa de mulher, eram as mulheres que eram responsáveis pela economia, ou seja, pelo governo do *oikos*, pelo governo da casa, elas estavam, inclusive, localizadas na casa, elas, os escravos e as crianças, estavam, em grande medida, sob o domínio do *oikos*. Já na economia política moderna, a economia é uma coisa pública, por isso ela é política, a economia tem a ver com o governo da população, tem a ver com o governo dos homens, tem a ver com o governo das riquezas, da produção, da circulação. É uma outra noção da mesma palavra. Você tem realidades históricas muito diversas. A mesma coisa a noção de família, a família do período colonial é completamente diferente do que é a família em nossos dias. Então, o historiador não deve se deixar iludir sobre a permanência de determinadas palavras. Eu estou lendo agora “*A tinta da melancolia*” que é um livro fabuloso do Starobinski sobre a melancolia, sobre o conceito de melancolia. Ele mostra que talvez nenhum conceito tenha durado tanto na cultura ocidental. O conceito de melancolia vai surgir lá no mundo antigo, vai surgir lá no século V antes de Cristo e, no entanto, vai permanecer até os nossos dias, mas com sentidos completamente diferentes. Então o historiador tem que ter cuidado não apenas com a permanência como também com a projeção para o passado de conceitos que não existia como, por exemplo, o de sexualidade. É claro que a partir de Foucault você tem o desenvolvimento de toda uma teoria feminista, você tem o desenvolvimento da chamada teoria *Queer*, por exemplo, nos Estados Unidos que dão ao conceito de sexualidade essa historicidade, que dão as noções de gênero uma historicidade que são fundamentais para gente estudar no campo da historiografia mesmo a temática da sexualidade.

**Revista:** É recorrente em seus trabalhos diálogos com a literatura, como se deu esse diálogo? A partir desse diálogo como é possível pensar questões historiográficas em relação ao corpo, à sexualidade e ao gênero?

**Durval Muniz:** Justamente porque a literatura, para mim, sempre teve essa enorme capacidade de me falar do passado de uma forma muito mais completa do que a historiografia fala do passado. Eu fico impressionado que você lê uma página da literatura e você tem uma imagem do passado que te emociona, que te mobiliza, que te

afeta muito mais, muitas vezes do que as páginas de historiadores. É claro que a gente tem historiadores excelentes, que a gente lê e também se emociona e se mobiliza com aquilo que eles escrevem. Mas a literatura, como o cinema, tem essa capacidade de condensar muitas vezes o sentido do passado, o significado do passado, às vezes numa cena, às vezes num encontro entre duas pessoas, às vezes num diálogo. Então eu acho que a literatura é muito rica para o historiador, inclusive porque ela traz sempre as utopias, as projeções, os sonhos, os desejos de uma determinada época. O historiador, como ficou durante muito tempo limitado a um determinado tipo de arquivo, ficou muito mais preso à história que efetivamente aconteceu, e ele perdia as virtualidades da história. Toda época tem virtualidade, ou seja, tem promessas que não se cumpriram. Toda época tem expectativas que não se cumpriram. Toda época tem sonhos, tem desejos que não se cumpriram, mas que nem por isso deixam de fazer parte dela, nem por isso deixam de ser um elemento dessa história. O fracasso de uma determinada utopia não significa que ela não foi histórica, ela moveu vidas, ela fez pessoas dedicar vida inteiras a elas, ela fez pessoas abandonar o lar, ela fez pessoas deixarem suas cidades, ela fez determinadas pessoas fazerem sacrifícios pessoais em nome desse sonho. Se esse sonho não aconteceu, não se estabeleceu, isso não significa que ele não é história. Essa dimensão virtual da história muitas vezes os historiadores perdem ao ficar presos apenas aquilo que efetivamente aconteceu, que é a máxima rankiana<sup>3</sup>, que preside a nossa profissão, tratar daquilo que efetivamente aconteceu, ora, há várias coisas que não aconteceu e que, no entanto, fazem parte da história de uma época, há vários sonhos, desejos, utopias, fantasias, delírios que compõem uma época. O historiador ainda não fez a história dos delírios. Os delírios humanos são fundamentais. Pessoas, grupos inteiros de pessoas se mataram num delírio coletivo, num delírio religioso, num delírio místico. Como entender, por exemplo, um fenômeno como o do *Caldeirão* ou entender, com menos preconceito, fenômenos, como o do padre Cícero por exemplo, se você não levar em conta essa dimensão do delírio, do desejo, do sonho, da fantasia como elemento constitutivo da história humana. A literatura capta muito isso, ela capta os devires de uma determinada época. É impressionante ler Kafka e perceber que os devires do fascismo estavam ali. O fascismo ia se tornar regime, ia se tornar realidade algum tempo depois, mas já estava em Kafka essa percepção do

---

<sup>3</sup> Referência ao historiador positivista alemão, Leopold von Rank que afirmava que o objetivo do historiador era contar o que realmente aconteceu, fiando-se exclusivamente em documentos originais, dignos de veracidade.

fascismo. Quer dizer, Kafka captou esse devir fascista em que o mundo estava vivendo, vivenciando. Nós todos que vivenciamos outro momento de devires fascistas, onde é muito claro essa ambiência facistóide, talvez seja bastante pedagógico ler Kafka. Então Kafka capta isso num livro como “O processo”, aquilo que se chamou de uma realidade kafkaniana é uma realidade facistóide, essa realidade em que você está sendo perseguido e não sabe direito por quem, você está sofrendo um processo e não sabe propriamente do porquê. Há aí um monte de gente sofrendo processos e não sabe porquê. De onde vem essa ânsia punitiva, essa ânsia de levar todo mundo preso, essa ânsia de vingança, de sangue, esse desejo de sangue. Kafka capturou muito bem, lá no começo do século, o desejo por sangue que terminou por se derramarem profusão em duas guerras mundiais. Nas “Carta ao pai” Kafka prevê, por exemplo, o desastre de sua raça, o desastre dos judeus. Kafka disse para o pai, se os judeus continuassem se isolando das culturas de onde faziam parte, ele temeria pelo futuro dos judeus. Ele vê crescendo o ódio contra a sua raça, ele capta esse ódio, que se materializou de uma forma dramática no Holocausto.

**Durval Muniz:** A literatura tem isso, ela capta *devires*, possibilidades do tempo, porque ela é uma escrita do sensível, é uma escrita da sensibilidade, ela é uma escrita ligada aos afetos, aos desejos, que deixa passar inclusive o inconsciente, que é uma coisa que quase sempre os historiadores polícionam, polícionam enormemente, para não deixarem passar os seus afetos, as suas dimensões inconscientes, o que é impossível. Mas tenta-se o máximo possível. A obra literária é uma obra que nos conecta com a produção histórica de subjetividades, a produção histórica de desejos, que é uma área que eu trabalho. Eu acho que não dá para fazer pesquisa sobre corpo, sobre sexualidade, sobre gênero, sem prestar atenção ao desejo, a libido, sem prestar atenção as dimensões afetivas, emocionais. A ligação entre memória e afeto, memória e emoção, exige essa atenção. Faço, agora, uma pesquisa sobre o sentimento da saudade, e onde melhor a saudade se expressa se não nos documentos literários? Se não em poesias, senão nas biografias, nas autobiografias, nos romances? A saudade é muito mais tratada nesses textos, que são ligados ao que seriam o íntimo, ao privado. A literatura, embora seja um texto público, ela é, pretensamente, um texto que trata do íntimo, do privado, do psicológico. A modernidade inventou o romance, o romance foi um dos gêneros fundamentais, na construção da própria ideia de indivíduo e na emergência dessa ideia psicológica, essa visão psicológica do Eu, moderna, que não existia. A figura do

indivíduo, que não existia antes do mundo moderno. A literatura é produto desse surgimento do indivíduo e o tempo todo está produzindo a própria subjetividade. Então trabalhar com temas como esses que eu trabalho exige levar em conta a literatura. Desde meu livro “A Invenção do Nordeste e outras artes” que utilizo a literatura como fonte, porque o Nordeste é, em grande medida, uma invenção literária. A literatura teve uma importância enorme na construção da ideia de Nordeste. O Nordeste não existiria, tal como o concebemos, sem o romance de 30. O chamado romance de 30 construiu um imaginário em torno da região, que depois foi para o cinema, que depois foi para a televisão, que foi para o teatro. O romance de 30 produziu um arquivo de imagens, um imaginário com muito poder de impregnação. Ele depois vai para o Cinema Novo, vai para o teatro com Ariano Suassuna, vai para as minisséries da TV, para a novela. Esse imaginário literário foi tão poderoso quanto o imaginário sociológico de Gilberto Freyre, por exemplo, com o livro “Nordeste”. A literatura participa da construção daquilo que a gente chama de realidade, e o que o historiador trabalha é com a construção da realidade. Eu não trabalho com a ideia de que a literatura é uma representação realista do passado. A literatura não é uma cópia da realidade, a literatura produz realidades, ela produz visões sobre o real. Porque a realidade é uma construção conceitual da e na linguagem, a realidade não é empírica. A confusão entre empiria e realidade é uma confusão constante nos historiadores, a empiria é apenas uma dimensão do real. O real vai muito além da empiria. A empiria sem a construção simbólica é dispersiva, é um monte de objetos dispersos sem conexão. A conexão se dá no plano da linguagem, a conexão se dá nos símbolos, a conexão se dá no imaginário, a conexão se dá através das representações, é aí que a realidade se estrutura, se organiza. Quem frequentou assembleias de professores sabem que quase sempre começam pelo que se nomeia de análise de conjuntura, aquilo é típica invenção retórica, sabemos que a conjuntura é uma invenção retórica de cada um que vai ali, cada posição política inventa uma determinada conjuntura. Quem quer defender a greve inventa uma conjuntura, quem quer ser contra a greve inventa outra conjuntura, os elementos são os mesmos, os elementos empíricos são os mesmos, mas, como eles são moldados, como eles são narrados, como eles são conectados através da linguagem é que faz a diferença. Você tem diferentes cenários possíveis para a greve, ou não a greve, etc. A literatura faz isso, a literatura é uma forma específica, uma linguagem específica, um gênero específico que tem regras de construção da realidade. Da mesma forma que a historiografia, é um outro gênero que constrói a realidade, com suas regras próprias, com seus códigos

próprios, que são diferentes da literatura. Eu não tenho nenhum medo, nenhum pavor que a história se transforme em literatura. Não tenho nenhum pavor, nenhum medo, pois elas ocupam lugares distintos, elas têm regras distintas, elas obedecem a regras distintas. Agora a história pode aprender muito com a literatura, pode aprender uma coisa que para mim é fundamental, hoje, uma coisa que as esquerdas precisam entender, é que a política não passa pela racionalização. O discurso racional atinge muito pouco as pessoas. A política se dá hoje no campo da fabulação, se a gente pega o Facebook, a gente vai ver as pessoas fabulando a realidade o tempo todo e agindo politicamente a partir destas fabulações. A gente precisa aprender a fabular, enquanto a esquerda achar que vai convencer as pessoas a partir de argumentos racionais, ela vai se dar muito mal. As pessoas adoram a fábula, as pessoas adoram um mito, as pessoas adoram uma invenção. E acho que é por aí que a gente tem que em grande medida trabalhar, disputar no campo da fábula, disputar no campo da construção fabular do real, politicamente. Um partidário do Bolsonaro, não vai ser convencido racionalmente, de que ele não deve votar no Bolsonaro, ele está vivendo no plano do mito, ele o chama de “Bolsomito”, ou seja, o que ele quer é mito. A gente só combate um mito com outro mito. A gente só combate uma fábula com outra fábula. Não dá para a gente tentar argumentar com quem está em um outro plano. Você argumenta aqui e o plano da pessoa está em outro plano. Eu acho que a literatura tem uma importância política enorme porque entre outras coisas, porque tem essa capacidade enorme de transmitir, inclusive posições políticas, às vezes das mais conservadoras, fabulando. Jorge Luiz Borges fez muito mais pelo pensamento político da Argentina, do que grande parte dos discursos políticos e ideológicos da Argentina. Assim como Gilberto Freyre e uma série de grandes fabuladores da direita brasileira. Porque infelizmente a direita brasileira tem grandes fabuladores, tem grandes construtores de fábulas e nós da esquerda, normalmente, não temos. Quem é que vai conseguir convencer-se de alguma coisa lendo os livros de Florestan Fernandes, você não consegue entender o que ele escreve. Aí você lê uma página de Freyre dizendo que o surgimento da luz elétrica vai destruir a família, porque uma família não se sustenta às claras, uma família tem que ter zonas de sombras e escuridão, senão, a família não se sustenta, olha que coisa! Como é convincente, como é absolutamente um argumento convincente e fácil, quer dizer, a família não se sustenta se não houver mentira, senão houver coisas escondidas e a luz elétrica ia iluminar tudo, e aí ia destruir a família, a família patriarcal ia ser destruída pela claridade da luz elétrica. Veja que coisa reacionária! Mas você absorve imediatamente, é extremamente

reacionária, mas, você absorve como uma maravilha, porque é uma fábula, é uma bela fábula. Da mesma forma que ele dizia que o pior inimigo do burguês é o moleque, o burguês não aguenta um riso e um assobio do moleque, não é? Por quê? O moleque é o sensor público, não é? Quer dizer, tudo o que o burguês não quer é passar na rua e o moleque assobiar e dizer: “viado! Ele não quer. Então, são esses os grandes fabuladores. Você lê um Nelson Rodrigues, reacionário até a medula e um grande fabulador, um grande criador. Você lê um Ariano Suassuna, extremamente conservador e um grande fabulador, um grande contador de história, reacionário e conservador. Os grandes contadores de história, no Brasil, são reacionários, na sua maioria, não é? E por isso, a sociedade brasileira é do jeito que é. Quer dizer, a nossa esquerda traz um texto, uma narrativa, que não é tragável nem pela própria academia muitas vezes, o que dirá pelas pessoas do senso comum.

**Revista:** A nossa última pergunta seria, saber se o senhor tem alguma consideração final que queira dizer livremente, pertinente ao tema.

**Durval Muniz:** Eu acho que a consideração final seria falar da necessidade da gente rever essa ausência das dimensões sensíveis, das dimensões emocionais, no campo da história. Ainda mais em uma sociedade como a nossa, onde a dimensão do afetivo, a dimensão do emocional está presente em todos os momentos, em todos os aspectos. A economia brasileira é emocional, ela não tem racionalidade, daí porque que os planos econômicos brasileiros foram sempre um fracasso, eles previam uma determinada racionalidade econômica e as pessoas se comportavam completamente irracionalmente do ponto de vista econômico, né? A nossa relação com a mercadoria é uma relação inclusive afetiva, simbólica, imaginária, atravessada por sentimentos, não é? Então assim, a nossa relação com dinheiro, né? A literatura ensina muito isso, não é? Quer dizer, como é a nossa relação com o dinheiro? Quem lê Simmel, que é um autor tão desprezado, que fez uma filosofia do dinheiro, lá no começo do século, e mostrou como o dinheiro está ligado a dimensões inconscientes, às dimensões afetivas, às dimensões pulsionais, vai ver que a nossa relação com a mercadoria é uma relação ‘desejante’. Deleuze e Guatarri fez toda uma teorização sobre isso, sobre como o capitalismo não é apenas um modo de produção de mercadorias, mas é um modo de produção de subjetividades, é um modo de produção de ser sujeito. O capitalismo produziu subjetividades adequadas a ele, o capitalismo produziu o desejo de consumir, o desejo de trabalhar, o desejo de poupar, que são desejos fundamentais para o

funcionamento da ordem capitalista. E seria muito interessante pensar como é que esses desejos funcionam numa sociedade como a brasileira. Por exemplo, do ponto da racionalidade econômica, o que explica uma elite econômica praticamente atirar na sua própria cabeça como nós estamos vendo aí, uma elite econômica que patrocina um golpe que em grande medida, produz uma desorganização acelerada da economia? O que significa, em grande medida, inviabilizar a possibilidade de desenvolvimento econômico autônomo nacional, a gente sabe que a indústria brasileira é associada a interesses externos, etc. mas, por exemplo, o que explica, que os empresários da indústria naval estejam vendo a indústria naval desaparecer em um ano, e não vem a público reclamar. Foi um setor que estava praticamente desaparecido, foi novamente ressuscitado e em um ano se destruiu. A indústria do petróleo, a indústria petroquímica, estão sendo inviabilizadas pela entrega progressiva da Petrobrás, dos postos de petróleo, do pré-sal ao capital estrangeiro e a gente não vê nenhum empresário sair em sua defesa. O que que explica que a indústria de defesa brasileira esteja sendo desmontada e as nossas Forças Armadas não dizerem nada? É uma lógica muito própria, que não é uma racionalidade comezinha que explica. O Flávio Rocha, o dono das lojas Riachuelo, que prometeu que com a saída de Dilma nós íamos ter um paraíso, teve um prejuízo de 40% nos seus negócios no ano passado e parece que ele continua satisfeito, porque não tem dito nada, que eu saiba, não é? Então pensar que economia, em um país como o Brasil, obedece a uma lógica cartesiana, é não entender o que se passa. Nós temos uma elite com veleidades senhoriais. Uma elite que em grande medida se acha aristocrática, que deseja, no fundo, a volta do escravo. Há muita gente que deseja a volta da escravidão, no Brasil, quer dizer, é um não dito, não é? Mas, que está aí. A revolta que causou o fato de você ter legalizado o trabalho doméstico, no Brasil, equiparar a empregada doméstica ao trabalhador comum, gerou uma revolta profunda, profunda. Mexeu com os porões do inconsciente nacional, não é? Que tem a mucama, a mulata, que tem lá a serviçal, a mulher para lavar os pés, lá nas bases, né? Ainda temos saudades das mucamas, ainda queremos mucama, isso está no inconsciente nacional e acho que estudando sensibilidade, sentimentos né, dimensões subjetivas que nós entenderemos um pouco mais esse país tão difícil.

**Revista:** Gostaríamos de agradecer a sua disponibilidade e a aula que o senhor nos deu hoje e dizer da imensamente felicidade em poder realizar esta entrevista.